

AS CIÊNCIAS INÚTEIS NA CIDADE DOS SABERES

RESUMO

No começo da construção da cidade dos saberes, as distinções eram escasas e o convívio era regra. Se o anacronismo é consentido, a interdisciplinaridade dominava. Basta lembrar que a música figurava no quadrívio, ao lado da aritmética, da geometria e da astronomia. E bem, convenhamos. Tenha-se presente que as *humaniores litterae* são, apenas, “as letras mais humanas” (comparativo), o que vale por dizer que as outras “letras” não deixam de o ser. O divórcio cavou-se bem mais tarde. E não foi há tanto tempo como isso. Bem depois dos renascentistas, que raro se vergaram à separação dos saberes (Leonardo da Vinci é um exemplo entre muitos) e dos enciclopedistas, houve um sem fim de vultos da ciência, nomeadamente no século XX, que não descuraram a sua formação humanística, particularmente filosófica. Afinal, o divórcio de que tanto se queixam as gentes das chamadas humanidades talvez se deva muito à sua tendência para a clausura. Será? A ser assim, os obreiros da inutilidade de algumas ciências podem, mesmo, ser aqueles que delas fazem múnus. Mas até pode acontecer que a inutilidade seja, ela mesma, a sua utilidade. Nesse caso, porém, é o divórcio inevitável? Ou há caminho para ser contrariado? O propósito deste trabalho é refletir sobre o conflito, sempre latente, entre as chamadas ciências humanas e as outras, e sobre a vantagem ou possibilidade de o contrariar.

ABSTRACT

At the dawn of the knowledge world, distinctions were few and sharing was the norm. If anachronisms are allowed, it can be stated that interdisciplinarity dominated. For instance, music featured in the *quadrivium* alongside arithmetic, geometry, and astronomy. It should be highlighted that *humaniores litterae* are merely the “more human arts” (comparative), which is

the same as saying that the other “arts” are also human. The rift occurred at a much later time. And it was not so long ago. Long after the Renaissance artists, who rarely gave in to the separation of disciplines (Leonardo da Vinci is one of the many examples) and the Encyclopedists, many great scientists, especially in the 20th century, did not neglect their humanistic and philosophical education. Could it be that the separation of knowledge domains that the human sciences lament so much is in fact a consequence of their tendency to cloister themselves? Could it be so? If so, the ‘makers’ of the uselessness of some sciences could in fact be the ones whose role is to serve those sciences. It is indeed possible for uselessness to be useful in and of itself. In this case, however, is separation inevitable? Is there a way to counter it? The aim of this talk is to reflect on the ever-present conflict between the so-called human sciences and the other sciences, as well as on the advantages or possibility of opposing this conflict.

O conflito é velho – dizem – como dizem ser insanável, ou seja, ter tanto de passado como terá de futuro: as chamadas Letras e as chamadas Ciências mantêm entre si uma relação bem pouco pacífica.

É, de facto, voz corrente e tornou-se quase um lugar comum a afirmação de que existe um divórcio entre, por um lado, as chamadas Ciências Exatas ou Tecnológicas (seja isso o que for) e, por outro, as Humanidades ou Ciências Humanas ou Artes e Letras – todas estas designações lhes vão cabendo, às vezes por opção alheia, mas outras, não tão raras como se esperaria, por opção própria e deliberada; designações mais que muitas, convenhamos, que se multiplicam, que se sobrepõem, geradoras, as mais das vezes, de equívocos, filhos da falta de rigor de tais nomenclaturas a que a tal voz corrente persiste em apegar-se.

Mais grave do que isso, tornou-se também um tema recorrente, neste caso entre os profissionais das Humanidades, falar de menorização destas por parte dos outros, ou seja, por exclusão de partes, dos das outras ciências.

Crescemos, aliás, em especial nas últimas décadas, nesse contexto de diálogo de surdos.

Não me tenho por vetusto, não obstante a consciência de que terei já deixado o Estio e passado para o Outono, para parafrasear Camões. Mas ainda cresci na velha divisão em Letras e Ciências, como então se dizia, do chamado Ensino Liceal (ou Curso Geral dos Liceus, que assim se chamava o período que sucedia ao Ciclo Preparatório e que conduzia ao atual nono ano). Tão distintas eram as duas áreas que eram feitas em separado, a ponto de ser possível obter aprovação numa delas e reprovação na outra: era o 5º ano de Ciências, por um lado, e o 5º ano de Letras, por outro.

Já nada disso assim é. Mas o facto de assim ter deixado de ser não pôs fim, só por si, ao divórcio nem a quanto a ele andava associado.

E foi desse crescer quase de costas voltadas que nasceu, pode presumir-se, o queixume, como é, por via de regra, timbre de parceiros desavindos. E nós, os de Letras, para usar a velha designação que faz jus à celebração em que decorre este colóquio, porventura distraídos ou por inércia da História e da Tradição, somos useiros e vezeiros em queixarmo-nos de menorização por parte dos outros. Simplificando: achamos que os demais nos ignoram, que os cultores das outras ciências (áreas disciplinares, se preferirmos) nos menosprezam, nos não respeitam, nos desconsideram, quando não nos destratam ou, pelo menos, que se limitam a tolerar-nos e à nossa bizzarria inútil e de pouco sentido e validade.

Talvez não seja bem assim. Talvez haja algum exagero nestas palavras. Ou talvez não. Certo é que parece gostarmos desse papel, que a nós próprios atribuímos, de “patinho feio da Academia”, quando não do universo; quase apetece dizer que a comisseração superlativada conforta mais o ego de quem a cultiva.

Chegados aqui, seja-me consentido um aviso prévio: não, não é propósito deste trabalho dissertar sobre a utilidade das Letras ou Humanidades ou Artes ou Ciências Humanas – seja isso o que for e dê-se-lhe o nome que se der.

Disso muito têm falado já muitos outros, por via de regra com grande acerto, justeza e propriedade. Da sua utilidade e da sua inutilidade, vizinhas que são uma da outra, tanto mais que a inutilidade delas pode ser, afinal, como adiante se dirá, a sua utilidade.

Lembro, por todas, uma pertinente intervenção nesta casa de uma das suas ilustres professoras, a colega e amiga Isabel Pires de Lima, em oração de sapiência muito oportuna, há quatro anos atrás. Deitando mão de uma afirmação do poeta Manoel de Barros sobre a poesia – *O poema é antes de tudo um inutensílio* –, alargou o conceito a todo o produto do espírito, nomeadamente as Humanidades, e reivindicou aqui maior atenção a esses mesmos inutensílios que professamos. Assim advogava a “utilidade do inútil”, a que se referia Nuccio Ordine, que também citava¹.

E, dizendo isso, tudo disse.

Do mesmo assunto falou também, em circunstância idêntica, ou seja, na abertura do ano letivo da Faculdade de Letras de Coimbra, um dos seus professores de Filosofia, João Maria André, dirigindo-se, em especial, aos estudantes que iniciavam uma renovada etapa do seu percurso escolar.

¹ LIMA, I. P. (2015) - *O Tempo dos 'inutensílios'*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Dizia ele a respeito da cultura que é, afinal, o centro do saber que nos une:

“É pela cultura que o homem consegue superar a condição de bárbaro do especialista que sabe muito de poucas coisas, pouco sabendo do mundo na sua totalidade”².

Palavras acertadas, com o senão de, em vez de dirimirem o divórcio de que atrás se falava, porventura o acentuarem.

Tudo isto porque, dizia ele muito atrás, “separou-se o objecto do sujeito e contrapôs-se ao sujeito, separou-se o indivíduo da sociedade, constituíram-se ilhas dentro da realidade, mundos dentro do mundo, parcelas dentro da totalidade, sentindo-se o homem cada vez mais incapaz de compreender o todo em que se inscreve, sendo um amputado especialista da parte que isola desse mesmo todo. O ideal de inteligibilidade do real converteu-se, assim, numa inteligibilidade empobrecida, redutora, fragmentadora na sua especialização disciplinar”³.

No mesmo sentido muitos outros se têm pronunciado, talvez em vão, se considerarmos que o motivo por que se pronunciam continua a ser tão forte como antes.

Não é, porém, desígnio desta comunicação justificar a nossa existência, como quem pede desculpa por estar aqui e sente necessidade de fazer ciclicamente prova de vida, por viver não menos ciclicamente receoso de que os outros estejam ocupados, por sistema ou teimosia, a lavar-lhe atestados de óbito.

É mais objetivo da presente intervenção prosseguir na senda de algumas reflexões que fiz, há muitos anos, na abertura solene do já distante ano letivo de 2000/2001, na Universidade Católica Portuguesa, em Leiria, e que vim a plasmar em trabalho publicado anos depois na *Biblos*, revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra⁴.

Esse trabalho centrava-se mais na relação entre as formações académicas em Letras (digamos assim, para simplificar) e o mundo empresarial. Partia do mesmo pressuposto que motivou a reflexão de Isabel Pires de Lima, neste caso não o dos inutensílios, mas o das inutilidades, e que servira de mote a uma afirmação de Eduardo Prado Coelho: talvez a utilidade das Humanidades resida, precisamente, no facto de não possuírem utilidade alguma (cito de memória e, por isso, sem aspas, pois a afirmação foi produzida em artigo de jornal, que não logrei encontrar). Dito assim mesmo, quase com acinte, como

² ANDRÉ, João Maria (2012) - *Multiculturalidade, identidades e mestiçagem*. Coimbra: Palimage. O texto, intitulado *As Humanidades num mundo multicultural e globalizado*, ocupa as p. 283-303. O passo citado vem a p. 301.

³ ANDRÉ, J. M. (2012) p. 292.

⁴ ANDRÉ, C. A. (2005) - Humanidades e empresas: um falso problema. *Biblos*. Nova série. 3, 37-53.

era timbre da ironia de Prado Coelho.

Mas, depois de analisar o longo historial de relações entre o mundo do espírito – o das Artes, Letras e Emoções – e o mundo do empreendedorismo, da vida prática, da liderança e governança, concluía assim esse texto:

“O mal está, no fundo, nesta espécie de xenofobia científica que parece contaminar a mais comum visão das estruturas universitárias.

O erro, afinal de contas, talvez esteja na falácia da incompatibilidade entre Letras e Matemática, para citar um dos mais manifestos exemplos. Ou entre Informática e Línguas, para referir outro dos divórcios em moda até há não muito tempo e que, felizmente, tende a desaparecer.

Importa assumir, sem complexos, que somos nós, os homens e as mulheres de letras, de humanidades, que temos, as mais das vezes, contribuído para esse divórcio, ao porfiar na fobia pelos números, pela vida prática, na ilusória pressuposição de que o espírito nobre e elevado não cura de coisas terrenas. É aí, antes de mais, que temos de mudar”⁵.

Será tempo, por isso, de voltarmos ao começo.

E o começo era bem o oposto daquilo de que nos queixamos.

O pai de todas as ciências é, para muitos, Aristóteles, o filósofo, figura de referência na Filosofia, na Poética, mas também na Ciência.

Nos primórdios da organização dos saberes, o Quadrívio, que configurava o topo da sabedoria, incluía a Música, ao lado da Aritmética, da Geometria, da Astronomia. Porque a Música é estética, mas nem por isso deixa de ser Matemática. E figurava aqui, e não no Trívio, ao lado da Retórica e da Dialética e da Gramática.

Um dos maiores artistas da história da humanidade, Leonardo da Vinci, de cuja morte comemoramos este ano o quinto centenário, tinha tanto de cientista quanto de escultor e de pintor.

Nunca, aliás, o Renascimento se rendeu à separação dos saberes, como o provam, desde logo, muitos portugueses, quais sejam Damião de Góis, Amato Lusitano, Garcia da Orta, por exemplo; como a recusa da separação dos saberes foi, também, a opção inequívoca dos enciclopedistas, no século XVIII.

A via que se pretende seguir aqui, no entanto, não é a da afirmação de poetas, artistas e outros vultos notáveis desta vasta área que dá pelo nome de Artes ou Humanidades, no mundo a elas exterior; pretende-se, ao invés, seguir um trilho oposto, ou seja, olhar o modo como figuras destacadas desse outro mundo olharam as ciências do espírito.

Centremo-nos, por isso, no século XX, aquele que temos mais perto, por,

⁵ ANDRÉ, C. A. (2005) 52.

ao longo dele, grandes vultos da ciência terem contrariado, pela sua prática e pela sua palavra, a tão propalada ignorância cultural da ciência e a sua ostensividade ou menosprezo em relação às Humanidades. Acusação que, como veremos, está longe de corresponder à verdade e carece de fundamento.

E não vou, também, referir a lista, já de si longa, de profissionais de outras ciências que ficaram conhecidos no mundo das artes, desde logo entre os Portugueses: Fernando Namora, António Gedeão, Carlos de Oliveira, Miguel Torga, Jorge de Sena, António Lobo Antunes, Vasco Graça Moura (já na fronteira das ciências) e tantos outros.

Vamos mais longe e olhemos grandes nomes da ciência universal no século XX. Acompanho, ou antes, faço-me acompanhar, neste particular, de Miguel Batista Pereira, professor de Filosofia na Universidade de Coimbra – porventura filósofo – que, em longo trabalho resultante de comunicação apresentada ao Congresso “As Humanidades Greco-Latinas e a Civilização do Universal”, em 1988, refletiu sobre a presença da Filosofia Antiga na obra dos mais destacados vultos da Ciência, em especial da Física, parte considerável deles Prémios Nobel⁶.

Tudo passa, afinal, pelo simples facto de somente os Filósofos (e as gentes das Humanidades, pode acrescentar-se) serem capazes de “respeitar a pluralidade de tempos históricos humanos e a sua sincronidade e manter o tempo humano plural integrado no tempo natural do ecossistema “terra”, em vez de o sacrificar à imposição do esquema linear, abstrato e quantificável do progresso indefinido”⁷.

O mesmo é dizer, só a Filosofia é capaz de nos ensinar que a visão simplista e redutora dos três tempos – passado, presente e futuro – tem de ceder lugar a uma visão bem mais plural, isto é, que considera o tempo na sua pluralidade, por existirem sempre os três tempos em cada um dos tempos. Porque todo o passado tem o seu passado, o seu presente e o seu futuro, como todo o presente tem o seu presente, o seu passado e o seu futuro e todo o futuro tem o seu futuro, o seu passado e o seu presente. E esta conceção, que só a Filosofia nos ajuda a apreender e a aprender, dita uma visão nova do mundo e, portanto, também da Ciência.

Por isso, “o diálogo do homem com a natureza tornou-se já um diálogo do homem com a sua própria história e o nosso futuro tem de se sincronizar

⁶ PEREIRA, M. B. (1988) - Modos de presença da filosofia antiga no pensamento contemporâneo. In CONGRESSO INTERNACIONAL AS HUMANIDADES GRECO-LATINAS E A CIVILIZAÇÃO DO UNIVERSAL, Coimbra, 1988 - *Actas*. Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Coimbra; Livraria Minerva, p. 209-309.

⁷ PEREIRA, M. B. (1988) 210.

com o porvir dos outros homens e com o da natureza”⁸. E, acrescento eu, esse percurso não é possível na rarefação dos saberes nem no seu desenvolvimento em linhas paralelas e incommunicantes.

Curiosamente, um especialista em Cultura Clássica e um dos grandes filólogos do século passado (sim, um dos nomes ilustres da velha Filologia), Bruno Snell, autor de *Os Gregos e Nós*, tinha tido já esta intuição, quando reconheceu que “tanto o progresso como a decadência não podem entender a história, porque esquecem a tradição”⁹.

É também esta, curiosamente, a intuição dos grandes cientistas do século XX, que deixaram claro, ante a consciência do abismo que todos eles vinham pressentindo, que só a tradição filosófica ocidental permite antever e, portanto, evitar o colapso.

Max Planck, Prémio Nobel da Física em 1918, sustentava que, “afirmada a existência de uma ordem racional do mundo, independente da nossa intervenção e apenas indiretamente acessível ao homem, a mensuração das Ciências da natureza e a simbólica religiosa convergem para a raiz misteriosa da ordem do universo”¹⁰.

Palavras expectáveis, convenhamos, em qualquer filósofo ou especialista num dos vários ramos da Filosofia, seja ele crente ou agnóstico, mas dificilmente expectáveis num físico com a grandeza dos que ascendem à fama que a obtenção de um Prémio Nobel confere. Ora, é exatamente um dos grandes da Física, no século que veio a ser o século da afirmação da Ciência, a vislumbrar uma estranha e surpreendente convergência entre essa mesma ciência e o sentido simbólico da religião e a buscar nessa convergência a interpretação do mistério do universo.

Não está, porém, sozinho; pelo contrário, este está longe de ser um caso isolado ou singular. Arthur Eddington, notável matemático e astrofísico, que procurou uma síntese da Teoria da Relatividade e da Teoria Quântica, persistia numa indagação que conferia lugar a conceitos como “espírito” e “mistério”; por estranho que isso possa parecer em raciocínio de cientista, sentia-se forçado a reconhecer que nem tudo é legível e explicável pela ciência e que o todo da realidade se não reduz ao objeto do estudo desta. Entendia ele que “o mundo da Física não pode coincidir «com a nossa vivência da realidade em toda a sua amplitude» nem perscrutar «o mistério da existência», que está centrado no espírito, lugar da verdade e de todas as possibilidades de realização responsável da beleza e da bondade. Se a luz, a cor e o som chegam

⁸ PEREIRA, M. B. (1988) 212.

⁹ *Apud* PEREIRA, M. B. (1988) 213-214.

¹⁰ *Apud* PEREIRA, M. B. (1988) 244.

ao nosso espírito como vozes do mundo exterior, os movimentos de verdade, beleza e bondade, que agitam a nossa consciência, emanam de algo superior a nós mesmos, que a descrição humana localiza fora de nós ou oculta na nossa interioridade mais profunda”¹¹.

Como bem se vê, os conceitos, a linguagem utilizada, o tipo de abordagem, o raciocínio desenvolvido, a formulação proposta e as conclusões a que chega remetem-nos para paradigmas bem mais próprios de análises feita no âmbito de diversas áreas disciplinares das Humanidades ou das Ciências Humanas, em particular a Filosofia, mas não só; pouco expectáveis seriam, de facto, num texto escrito por alguém cuja atividade se centra no domínio das chamadas ciências exatas, neste caso da Matemática e da Astrofísica. Trata-se, pois, de uma aproximação à Filosofia vinda do lado de outras ciências, aparentemente estranhas a esse universo, a qual não pode deixar de registar-se e de apreciar-se.

Já o Prémio Nobel da Física em 1922, Niels Bohr, dinamarquês, parecia pôr o dedo na ferida, quando se questionava sobre a unidade do saber e sobre a complementaridade dos seus diversos ramos, a Física, a Biologia, mas também a Psicologia, a Arte e a Religião; concluía pela crença de que é possível a unidade entre todos, sem sacrifício das diferenças que entre si possuem; a essa relação chamava ele de “complementaridade”. Averso à tese neopositivista de que as ciências devem usar uma linguagem específica e marcada pela exclusividade, por ser a única que convém ao rigor científico, sustentava ele que “o nosso conhecimento fundamental é evidentemente a linguagem do trato quotidiano, que responde às necessidades da vida prática e serve a comunicação social, de que a comunicação científica é parte integrante”¹².

Reflexão bem útil, convenhamos, a quantos procuram segurar como seu o território das suas ciências, como em jeito de coutada de uso pessoal ou de clã; reflexão particularmente significativa quando vem de alguém que atingiu a notoriedade que o Prémio Nobel avaliza e reconhece; reflexão pertinente, no tempo em que o rigor científico anda tantas vezes confundido com o carácter rebuscado e, mesmo, hermético de uma linguagem “artificial”, como se nesse hermetismo residisse uma espécie de afirmação de classe e demarcação de fronteiras. Reflexão estranha, em todo o caso, como as anteriores, vinda, afinal, de quem vem.

Alguns anos mais tarde, o físico alemão Wolfgang Pauli, de origem austríaca e também ele Prémio Nobel da Física em 1945, para o qual foi proposto por Einstein, refletia sobre as relações entre Oriente e Ocidente e o papel de

¹¹ PEREIRA, M. B. (1988) 252-253.

¹² *Apud* PEREIRA, M. B. (1988) 254.

cada uma das ciências nessa relação. Não se circunscreve a sua análise, no entanto, ao domínio científico que lhe é próprio, antes extravasa para outras áreas, bem mais próximas das ciências do espírito, nas quais é mais visível e confirmável o encontro multissecular e multicultural entre Oriente e Ocidente. Vejamos:

“Eu julgo que o destino do Ocidente é articular sempre e de novo estas duas atitudes fundamentais, a crítica e racional, que pretende compreender, por um lado, e a mística e irracional, que procura a vivência salvadora da unidade, por outro”¹³.

E assim resume, a seguir, Miguel Batista Pereira, referindo-se a toda a exposição de Pauli:

“Na alma do homem habitam estas duas tendências unidas dialeticamente, de modo que, apesar de diferentes, uma seja portadora do gérmen da outra. O Ocidente deve reconhecer esta complementaridade sem sacrificar a consciência do eu observadora e crítica nem recusar o caso-limite da vivência mística da unidade”¹⁴.

Estamos, pois, perante uma súpula interessante da exposição que tem vindo a ser feita: a dialética entre as chamadas Ciências e as chamadas Humanidades é, tão-somente, uma de muitas dialéticas com que convive a sabedoria no seu quotidiano e na sua reflexão. Mas o que maior realce merece neste raciocínio, para o que importa à reflexão aqui trazida, é o facto de um ilustre Físico, Prémio Nobel, também ele, não sobrelevar ciosamente o património exclusivo da sua ciência, mas, isso sim, destacar uma outra dialética, entre a atitude crítica e racional, por um lado, mas, por outro, a atitude mística e irracional, a qual, em vez de desmerecer, destaca, por reconhecer que procura a vivência salvadora da unidade. E, mais ainda, a afirmação de que uma é portadora do gérmen da outra, o que vale por dizer que seria suicídio científico, se a expressão é aqui consentida, pretender que uma possa sobreviver sem a outra.

Vai mais longe, porém o raciocínio de Pauli, na medida em que é justamente neste jogo de dialéticas ou cruzamento de dialéticas, se se preferir, que reside a complementaridade entre Oriente e Ocidente e, portanto, a sobrevivência do mundo que conhecemos, nas suas especificidades territoriais (territoriais em sentido múltiplo, claro, por remeter para os territórios físicos, mas também para os territórios imateriais). O que vale por dizer que um dos maiores físicos de meados do século passado reconhecia, sem pruridos de clã, que no pensamento reside a chave para uma solução que de há muito Oriente e Ocidente vêm procurando, mas, as mais das vezes, enfeitando.

¹³ *Apud* PEREIRA, M. B. (1988) 265.

¹⁴ *Ibidem*.

Muitos mais nomes figuram na longa apreciação feita por Miguel Baptista Pereira, em trabalho onde pretende, como se disse, documentar a presença da Filosofia Antiga no pensamento ocidental: James Jeans, matemático, Albert Einstein, Max Born, físico e Prémio Nobel em 1969, Erwin Schrödinger, físico austríaco e Prémio Nobel em 1933, Pascual Jordan, físico alemão, Werner Heisenberg, igualmente Prémio Nobel em 1932, Carl Weizsäcker, físico alemão e filósofo, David Bohm, físico americano (e, depois, brasileiro e, depois, inglês).

Verdade seja que Heinz Pagels, autor de um bem conhecido *best seller*, o livro *O código cósmico: a física quântica como linguagem da natureza*, hesita, claramente, entre o reconhecimento do divórcio e a opção pela síntese das várias ciências, o que o deixa, aparentemente, hesitante entre a adesão ao pensamento de Wolfgang Pauli ou ao de Niels Bohr;¹⁵ e opta por uma fórmula que, ainda que nem sempre coerente com o seu pensamento, pode bem ser, também ela, um apontar de um rumo. Já quase no final de seu livro reconhece:

“O que nos divide é a diferença entre aqueles que privilegiam as intuições e os sentimentos e aqueles que privilegiam o conhecimento e a razão – recursos diferentes da vida humana. Ambos os impulsos estão dentro de nós; mas por vezes não conseguimos uma síntese útil, e o resultado é um ser incompleto”¹⁶.

Vale a pena, sublinhar, uma vez mais, a busca da síntese, em que a ciência sempre parece empenhada, consciente das suas limitações.

E conclui Pagels, pouco adiante:

“Creio que os historiadores do futuro verão a civilização contemporânea como reação à descoberta dos mundos das moléculas, dos átomos e das extensões inimagináveis do espaço e do tempo. O desafio é o de trazer estes domínios invisíveis à nossa consciência e tornar humanos os enormes poderes que neles encontramos”¹⁷.

Ou seja, não faltam exemplos a desmentir a atitude de coletiva lamentação em que reiteradamente tendemos a cair e que raia, quase, a autoflagelação, o mesmo é dizer que, ao contrário do que parecem fazer crer os nossos repetidos e quase obsessivos queixumes, nem o divórcio que propalamos é uma realidade única e indesmentível nem o outro lado da barricada é o outro lado da barricada, porventura por barricada talvez não existir.

15 PAGELS, H. R. (s/d) - *O Código cósmico: a física quântica como linguagem da natureza*. Lisboa: Gradiva. A tradução portuguesa não regista a data da edição; o *copyright* da edição inglesa é de 1982.

16 PAGELS, H. R. (s/d) 408.

17 PAGELS, H. R. (s/d) 409.

Mas a questão subsiste e é pertinente. Logo, se os outros não são assim tão avessos, como parece ficar provado, às Humanidades, valerá a pena, nem que seja por mero exercício intelectual, perguntar o que fazemos nós, afinal, do nosso lado, para atenuar a diferença e esbater o aparente conflito.

Explico-me.

Quase dispensaria demonstração a afirmação de que todas os outros desenhos curriculares lucram com um núcleo adicional de formação na área das Humanidades. Essa formação, de facto, fornece (ou deveria fornecer) uma utilidade específica adequada a múltiplas áreas de atividade, já que prepara para:

a) Aprender informação complexa e diversificada e exprimir-se, ou seja, atingir com prontidão o pensamento alheio e veicular com eficácia os seus próprios pontos de vista.

b) Manipular, no bom e no mau sentido da expressão, isto é, orientar pessoas e grupos, através da palavra e do comportamento, com vista a atingir determinado objetivo.

c) E, portanto, influenciar, o mesmo é dizer, orientar tendências, definir atuações, projetar resultados.

João Maria André di-lo de uma forma clara; refere-se à Filosofia, mas bem podemos considerar que o raciocínio se aplica a todos os domínios das Humanidades, aqueles que são o centro tradicional das disciplinas professadas nas Faculdades de Letras:

“Aprendemos o valor do pensamento, a importância da capacidade crítica, o peso da tradição que nos chega com os pensamentos de outros de outros séculos, a capacidade de analisar e desconstruir linguagens e discursos com que o mundo se foi dizendo ao longo dos tempos, o modo como hoje o homem diz o mundo e o mundo se diz no homem e para o homem”¹⁸.

Talvez tenha sido em resultado de reflexões como aquelas de que se dá conta acima ou de outras não muito diversas que, há três décadas, surgiu em França um interessante projeto: grandes consultoras e outras empresas do sector financeiro começaram a proporcionar estágios e, subsequentemente, a contratar diplomados em Humanidades, em especial da área da Filosofia, mas também de História (da cultura, numa aceção generalizada), por reconhecerem que o seu perfil poderia ser de grande utilidade e importância para o êxito das atividades que desenvolviam. E começou a ser usual as equipas de trabalho que se apresentavam em reuniões com parceiros internacionais integrarem alguém de uma dessas áreas. Assim se reconhecia que uma base cultural sólida poderia

¹⁸ ANDRÉ, J. M. (2012) 297.

ser uma mais valia na prossecução dos projetos em que estavam envolvidos, ainda que se tratasse de projetos do sector financeiro e empresarial.

Não há muitos anos, um conhecido empresário de um sector tecnológico muito especializado e que, portanto, tinha nos seus quadros dezenas de engenheiros, produzia esta afirmação: “recrutamos sempre os melhores e são, sem dúvida, excelentes engenheiros; mas têm um problema sério – não sabem ler nem escrever”.

Não obstante o exagero aparente da afirmação, próxima da caricatura, percebe-se claramente o que ela pretende transmitir.

Ou seja, não nos restam dúvidas de que os saberes que professamos, as competências que desenvolvemos nos nossos diplomados, sejam eles de Línguas, de História, de Filosofia, de Artes, de Comunicação e por aí fora, tais saberes e competências são de suma utilidade para as outras áreas disponíveis no mercado de trabalho. Essa verdade não carece de prova adicional.

Mas raramente nos damos ao trabalho de refletir sobre se os diplomados na área das Humanidades (todos nós, afinal) não teriam igualmente a ganhar com um adicional de formação na área das outras ciências. Dito de outra forma: reclamamos a nossa importância para os outros, apregoamos a vantagem que podem ter em recorrer a nós, sublinhamos a utilidade das disciplinas que professamos, o mesmo é dizer a utilidade dos nossos inutensílios, para citar Isabel Pires de Lima, quando se serviu de Manoel de Barros, mas não paramos um minuto para pensar se deveríamos, do mesmo modo, reservar um espaço nas nossas formações para as disciplinas dos outros. Agimos, em suma, como se os tais outros apenas tivessem que nos reconhecer e, em conformidade, como se servissem apenas para serem nossos empregadores.

E já não seria mau, se a breve adenda é consentida, que olhássemos com mais atenção e por um pouco que seja, para a nossa casa, para as nossas deficiências, para a nossa acomodação, para o que não fazemos e deveríamos fazer em prol do ensino que professamos, mesmo dentro das áreas que são as nossas. Cito Joaquim Ramos de Carvalho, um professor da Faculdade de Letras de Coimbra, historiador, mas que tem dedicado boa parte da sua vida àquilo a que chamo saberes conjugados, por envolverem a sua área científica, mas também as Tecnologias da Informação e quanto a elas anda associado (é um raro caso de alguém que ensina e gere projetos de reconhecimento internacional na Faculdade de Letras e, ao mesmo tempo, na Faculdade de Ciências e Tecnologia e que ensina nos níveis mais elevados de ambas as faculdades). Cito:

“Durante anos, desde o desaparecimento das teses de licenciatura, a universidade outorgou o grau de licenciado em Letras a estudantes que durante 4 anos pouco ou nada escreveram de forma coerente, consistente e articulada, para além de um breve trabalho final de seminário

em alguns cursos. Salvo casos isolados em cadeiras específicas, os estudantes não foram estimulados a pensarem-se como produtores de conteúdos e poucas oportunidades lhes foram dadas para desenvolverem as suas competências comunicativas”¹⁹.

O que vale por ter de reconhecer, com pesar, que de pouco vale quanto fica dito a respeito da admissão de outros saberes nas nossas áreas de formação, quando até os nossos nós deixamos desvanecerem-se nessas mesmas áreas, que devíamos, acima de tudo, preservar.

Mas retomemos o raciocínio: será que Matemática, Gestão, Economia, Direito, Tecnologias e tantas outras áreas disciplinares não teriam igualmente utilidade na formação dos diplomados em Letras?

Que direito, afinal, temos de exigir a um gestor ou a um engenheiro que fale bem, que escreva bem, que comunique com competência, que faça da cultura um instrumento útil, mas, em contrapartida, ignorarmos aquilo que cada um deles sabe, com afirmações que nem nos damos conta de serem ofensivas, do género “eu disso não entendo nada nem quero entender”?

Usamos e abusamos de frases como estas:

“Eu, em números, sou um zero”.

“De leis, bem, de leis não entendo nada nem faço tenção de entender”.

“Em questão de computadores sou um ignorante; sirvo-me deles e é tudo”.

Como podemos esperar solidariedade dos outros se a nossa solidariedade se traduz em afirmações que refletem uma atitude de costas voltadas?

Talvez seja o momento de pararmos por um pouco de praticar a autocomiseração que nos é tão característica e pensarmos que a abertura dos outros às nossas áreas passa, inevitavelmente, por idêntico espírito de abertura da nossa parte em relação às áreas dos outros. Não é este o espaço para ser exaustivo em exemplos nem o que se pede aqui é esse exercício. Limitemo-nos a imaginar quanto poderíamos ganhar, do ponto de vista do enriquecimento do que estudamos, refletimos e ensinamos, se juntássemos a isso um pouco, posto que muito pouco seja, do que os outros fazem. A humanidade ou, se preferirmos, o humanismo das nossas humanidades ficaria, por certo, mais rico e mais humano.

Isso levar-nos-ia, claro, a uma reformulação curricular que pode ser mais ou menos profunda. Mas uma reformulação necessária. Começemos por fazer esbater as inúteis (precioso conceito aqui) as inúteis fronteiras de nossas quintas pessoais, de que, por vezes, somos tão ciosos. Demasiado ciosos.

¹⁹ CARVALHO, J. R. (2007) - As Humanidades na Universidade: crise ou mutação? *Biblos: revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*. 2ª série, 5, 43-58. O passo citado vem a p. 55.

Começemos por abrir mão de algum espaço, onde os outros possam ter lugar.

Seja-me consentido mais um exemplo do foro pessoal, nascido de uma experiência vivida há longos anos, quando fui, durante um semestre, professor visitante na Faculdade de Letras de uma universidade alemã. Uma das disciplinas que me estava atribuída era cultura portuguesa. Os estudantes que compunham a minha turma estavam matriculados em áreas de formação tão díspares e, para mim, inesperadas, como a Medicina, o Direito, a Física Teórica, a Psicologia.

E pus-me a pensar como seria uma formação universitária composta de disciplinas colhidas, ao sabor dos interesses pessoais, nas várias faculdades das nossas velhas universidades. No limite, poderíamos ter um diplomado em coisa nenhuma. E se fosse esse o seu desejo? Quem sabe ele não poderia ter uma carreira promissora assente exatamente no edifício estranho que ele mesmo arquitetou?

Este é, sem dúvida, o limite último, talvez impossível, talvez utópico. Mas, entre ele e uma diferente articulação dos nossos saberes, na busca da convergência possível, muitos são os patamares ou degraus e nem todos eles utópicos. O importante, permitam-me sublinhá-lo, uma vez mais, é a abertura a outras áreas científicas, porventura com um resultado evidente: o de alterarmos positivamente o nosso posicionamento na cidade dos saberes.

Não é que isso possa alterar a presumível inutilidade do que professamos. Inutilidade, aliás, ilusória, em abono da verdade deve dizer-se, se pensarmos que o valor gerado pela cultura (sectores culturais e criativos) é comparativamente bem superior ao gerado pela indústria automóvel e, mesmo, pelas tecnologias de informação e comunicação, segundo relatórios da Comissão Europeia²⁰. O que quer dizer que “a cultura se tornou um factor essencial de desenvolvimento económico e que será alvo de atenção crescente e cada vez mais articulada por parte dos poderes políticos²¹. Mas esta é uma linguagem que persistimos em não querer compreender ou usar, por entendermos que ela agride, se a provocação me é lícita, os valores imateriais daquilo que fazemos.

O que está em causa, portanto, é algo que se define por conceitos que, por complexos que sejam, fazem parte do nosso quotidiano: diálogo, convergência, articulação, complementaridade.

Dito de outra forma, o problema não está nem na desconsideração de qualquer dos ramos da ciência (considerada esta em termos universais) ou de qualquer dos ramos do saber, nem tão pouco no predomínio de um deles

²⁰ CARVALHO, J. R. (2007) 50.

²¹ CARVALHO, J. R. (2007) 51.

sobre os outros nem, ainda, de esforços ou tentativas de hegemonia ou menosprezo, seja de quem for, nomeadamente a ciência dos inutilidades.

O problema traduz-se nesta asserção simples, nas palavras de Miguel Baptista Pereira, já várias vezes citado:

“Tem o homem ocidental regredido na busca do seu passado num ritmo diretamente proporcional ao avanço cronológico do tempo. Apesar de os modos atuais de presença do Pensamento Antigo não exaurirem o seu potencial de futuro, eles são, como memória, parte constituinte da identidade do europeu e urdem com os modos de presença de futuras interpretações a contribuição ocidental para uma cultura ecuménica e planetária, seriamente ameaçada pelo niilismo activo de uma tecnologia sem sentido”²².

Mas a verdade é que a tecnologia existe e foi com ela que vivemos e chegámos até aqui ao longo dos últimos três séculos. A verdade é que os números são a ciência que faz girar o mundo e que, sem eles, o caminho do caos é a nossa maior certeza. A verdade é que outras ciências despontaram na área das ciências tecnológicas e da natureza, como as que olham o ambiente e nos advertem para o abismo que se adivinha.

Cito, de novo, João Maria André:

“Um mundo-máquina, habitado por uma sociedade-máquina, foi o horizonte em que se desenvolveram os grandes triunfos da ciência moderna, que das ciências da natureza se estenderam pelo positivismo às ciências sociais e humanas, sendo também nesse horizonte que germinou e se constituiu a ideia de progresso que atravessou o século XVIII com o Iluminismo, o século XIX com a Revolução Industrial e o século XX com a Revolução Informática e Tecnológica”²³.

E acrescenta:

“Por detrás de todo esse mecanicismo está um dualismo entre a dimensão corporal e espiritual do homem que se prolonga numa cisão entre a sua racionalidade a sua afectividade, passando para primeiro plano a dimensão racional e desvalorizando-se, como seu reverso, o domínio das paixões”²⁴.

Ora, o que se pretende sustentar aqui é que não tem que ser assim. Mas também não tem que ser o seu oposto. O dualismo, mais ou menos maniqueísta, com tudo o que lhe vem associado, é, posto que inconscientemente, uma forma demasiado comum de olhar o mundo. E é no dualismo que assentam os princípios da dominação e os outros que destes são parentes próximos, os das hegemonias.

²² PEREIRA, M. B. (1988) 212.

²³ ANDRÉ, J. M. (2012) 294.

²⁴ ANDRÉ, J. M. (2012) 294.

Na cidade dos saberes, esse tem sido o caminho mais fácil. O complexo de Kalimero, como bem sabemos, mais do que autovitimização, é um precioso instrumento de autojustificação. Ensaaiemos um caminho distinto e, porventura, mais fecundo, que é o da convergência e do diálogo. Experimentemos reconhecer, uns e outros, que em ambos os lados há percursos de enriquecimento mútuo. Como talvez se tenha depreendido de quanto fica dito, não é verdade que os outros (neste caso, os outros são os que não somos nós, os das Humanidades), bem, não é verdade que os outros nos rejeitem ou enjeitem assim tanto.

Resta sabermos se nós que, afinal, já ganhámos acesso ao mundo desses outros, também já abrimos a porta, pelo nosso lado, a que o mundo deles possa entrar no nosso.